

E a discussão, tem género?

A ideologia de género, propriamente dita, existe de forma mais evidente na cabeça daqueles que a propõem combater do que naqueles que são os seus alvos.

12 de Agosto, 2019 - 23:20h | [João Ferreira Dias](#)



Em tempos de histeria ideológica e de intenso revisionismo histórico, a *alter-right* mundial empenha-se no combate a uma suposta ideologia de género que estaria rasgando a ordem social no Ocidente. Segundo os seus "combatentes", a ideologia de género visa corromper a moral pela dissolução do binário de género masculino/macho-feminino/fêmea. Para estes, a definição binária de género existe *ab initio*, colada à genética humana. Sucede, no entanto, que o género não vem atrelado aos órgãos genitais, ele é social e culturalmente construído, estando presente na formatação dos padrões de pensamento e da linguagem. Em *The Invention of Women: Making an African Sense of Western Gender Discourses*, premiada obra de Oyeronke Oyewumi, a autora discute a forma como a questão de género foi introduzida no contexto yorubá, hoje Nigéria, pela colonização inglesa. Onde outrora era a idade que estabelecia a posição de autoridade e prestígio em cada contexto, não se fazendo distinção entre homens e mulheres, com o advento da colonização surgiram as tarefas e atribuições segundo a categoria de género ocidental, desregulando normatividades vigentes.

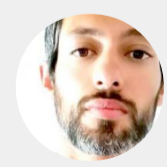
No nosso quadro cultural, esta binaridade existe de forma estruturante, sendo passada geracionalmente como um reflexo, uma mnemónica cultural incontestável. Desde pequenas, as crianças são ensinadas que os carros são brinquedos “de menino”, as bonecas “de menina”, que jogar à bola é coisa de menino e as meninas que gostam dessa atividade são classificadas como «maria-rapaz». Esta classificação tem por base o tal binário estruturante. É, pois, com base nesse binário que se inscrevem as reações à recente coleção unissexo da marca Zippy. Entre os comentários mais ferozes, encontramos uma associação entre roupa unissexo (que sempre existiu) e uma teoria da conspiração sobre um plano mundial para transformar as crianças em LGBT.

Excetuando posições extremadas que não consideram a sociedade como um produto onde a mudança é negociada, muitas das propostas erroneamente associadas a uma agenda de género visam, somente, um equilíbrio social além das amarras do binário. Prova das amarras de género sociais está na designação de “eles” para um grupo composto, p. ex., por um homem e dez mulheres. O masculino sobrepõe-se ao feminino pela força normativa do género masculino na construção da memória social.

Um caso exemplar. Ao brincar com dois irmãos, uma menina de dois anos, e um menino de cinco, proponho que o menino seja o “homem aranha” e ela “a menina aranha”. A menina rapidamente afirma-se como “homem aranha” e designa o irmão como “menina aranha”. Noutra brincadeira, ela escolhe ser o Pedro e atribui ao irmão o papel de Heidi. Sobre este, afirma-o como “a mano”, e diz que quer ver “o televisão”. Ora, este caso, como outros, mostra que somos nós, adultos, que vamos socializando as crianças no binário de género, ao corrigirmos, instintivamente, as atribuições de género às palavras e pessoas. É assim que chegamos a circunstâncias onde encontramos, por exemplo, Damares Alves, ministra brasileira da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos, a afirmar que “menino veste azul, menina veste rosa”. Ora, eu que estudei num colégio católico, sempre encontrei rapazes de camisa rosa e raparigas de camisa azul sem que houvesse ali ausência da heteronorma. É por isso que o feminismo aborrece mais do que o femicídio. É por isso que as mulheres continuam a ser todas filhas de Medusa: culpabilizadas da sua própria violação.

O fanatismo que vivemos é discordante com o princípio da liberdade, do respeito e do direito à diferença e à autodeterminação. A ideologia de género, propriamente dita, existe de forma mais evidente na cabeça daqueles que a propõem combater do que naqueles que são os seus alvos. A ideologia de género não é o exercício de supressão de barreiras que limitam a liberdade de identidade (a psicologia, a antropologia e outras ciências mostram que o género diz respeito ao reconhecimento que o indivíduo tem de si mesmo) ou que visam flexibilizar a linguagem tornando-a mais inclusiva, por exemplo, para as mulheres. Ideologia de género é a imposição do binário que se quer por universal aos demais. É, igualmente, o desrespeito pelas diretivas da ONU, que recomenda o respeito pela identidade de género como garante da autodeterminação.

Sobre o/a autor(a)



João Ferreira Dias

Doutorado em Estudos Africanos pelo ISCTE-IUL. Mestre em História e Cultura das Religiões pela FLUL. Investigador Integrado do Centro de Estudos Internacionais do ISCTE-IUL.



(...)

Autores

- [Ada Pereira da Silva](#) (1)
- [Adelino Fortunato](#) (30)
- [Adriana Temporão](#) (1)
- [Adriano Campos](#) (95)
- [Adriano Campos e Ricardo Moreira](#) (2)
- [Afonso Jantarada](#) (18)
- [Afonso Moreira](#) (4)
- [Agostinho Santos Silva](#) (1)
- [Alan Maass](#) (1)
- [Albert Recio](#) (1)
- [Albertina Pena](#) (1)
- [Alberto Guimarães e Sílvia Carreira](#) (1)
- [Alberto Matos](#) (24)
- [Alda Sousa](#) (9)
- [Alejandro Nadal](#) (79)
- [Alexandra Manes](#) (116)
- [Alexandra Ricardo](#) (2)
- [Alexandra Vieira](#) (27)
- [Alexandre Abreu](#) (5)
- [Alexandre Café](#) (3)
- [Alexandre de Sousa Carvalho](#) (1)
- [Alexandre Mano](#) (1)
- [Alfredo Barroso](#) (2)
- [Alice Brito](#) (65)
- [Alison Tudor](#) (1)
- [Almerinda Bento](#) (33)
- [Aluf Benn](#) (1)
- [Álvaro Arranja](#) (85)
- [Amarilis Felizes](#) (4)
- [Amarilis Felizes e Tiago Ivo Cruz](#) (1)

1 de 19 [seguinte >](#)